

## Praça São Francisco em São Cristóvão-Sergipe-Brasil: *locus* sociocultural e patrimônio da humanidade

São Francisco Square in São Cristóvão-Sergipe-Brazil: social and cultural locus and heritage of humanity

Ivan Rêgo Aragão\*

**Resumo:** A partir da análise bibliográfica e da observação *in loco*, o presente artigo tem o objetivo de descrever o valor da Praça São Francisco na cidade de São Cristóvão no estado de Sergipe. Último local no Brasil a receber na data de primeiro de agosto de 2010 da UNESCO, o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. O texto também visa expor a singularidade nas construções que envolvem o perímetro. O artigo se baseou na leitura no Dossiê enviado a UNESCO e no Documento-base, ambos com a proposição da inscrição da Praça São Francisco para concorrer ao selo de patrimônio cultural em nível global. Foram realizadas visitas logo após o resultado do pleito, para observação no espaço delimitado pelo estudo. Alinhando teoria e prática, constatou-se que a Praça São Francisco enquanto *locus* de sociabilidade é cenário para as manifestações culturais, atrativo de moradores e visitantes. Lugar de memória coletiva e pode se transformar em produto para o turismo como a exemplo de outros sítios históricos espalhados ao redor do planeta.

Palavras-chave: Praça São Francisco. Patrimônio da Humanidade. UNESCO. São Cristóvão.

**Abstract:** From the literature review and on-site observation, this paper aims to describe the value of the *São Francisco Square* in the city of *São Cristóvão* in the state of *Sergipe*. Last place in Brazil to receive in August 1 2010, from UNESCO, the title of Cultural Heritage of Humanity. The text also aims to bring out the uniqueness of the buildings that surround the perimeter. The article was based on reading the dossier sent to UNESCO and the document base, both with the proposition of registration of the *São Francisco Square* to compete for the stamp of cultural heritage on a global level. Visits were made after the outcome of the election, for observation in the space delimited by the study. Aligning theory and practice, it was found that the *São Francisco Square* as locus of sociability is the setting for cultural events, attractive to residents and visitors. Place of collective memory and can be transformed into a product for tourism as the example of other historical sites scattered around the planet.

Key words: *São Francisco Square*; Heritage of Humanity; UNESCO. *São Cristóvão*.

---

\* Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP). Mestrando em Cultura e Turismo, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) Ilhéus/BA; Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP)

## **1 Introdução**

A Praça São Francisco é o testemunho da permanência da Ordem Religiosa Franciscana em Sergipe. Localizada na parte alta da cidade quatrocentenária de São Cristóvão, primeira capital do estado, a praça com seu espaço e construções religiosas é, na atualidade, um documento vivo do modelo de construção ibérico em terras da América Portuguesa.

Mesclada ao estilo inconfundível do barroco litorâneo no período do Brasil colônia, a construção dos edifícios em volta do quadrilátero em questão é o registro do modo de ser e viver dos cidadãos no período colonial e imperial. Chegando ao século XXI como local de identidade e de memória, sendo tombada pela Unesco no dia 1º de agosto de 2010 como Patrimônio Cultural da Humanidade.

A partir da análise bibliográfica e da observação direta no local, o presente artigo se propõe a descrever o valor da Praça São Francisco e expor a singularidade nas construções que envolvem o perímetro. O artigo se baseou na leitura no Dossiê enviado a UNESCO e no Documento-base, ambos com a proposição da inscrição da Praça São Francisco para concorrer ao selo de patrimônio cultural em nível global. Foram realizadas visitas logo após o resultado do pleito para observação no espaço delimitado pelo estudo.

Com a descrição e reflexão acerca do objeto de estudo, constatou-se que a Praça São Francisco, ao se tornar patrimônio em nível global, tanto pelo seu valor histórico, como sociocultural, configura-se como lugar de memória coletiva para os moradores, bem como local com potencialidades para o desenvolvimento do turismo, a exemplo de outros sítios históricos espalhados pelos cinco continentes.

## **2 Praça São Francisco: história, influência ibérica, valor sociocultural e religioso**

Localizada no centro antigo da cidade alta sergipana de São Cristóvão a Praça São Francisco recebeu em 2010, o selo de Patrimônio Cultural da Humanidade, concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO. O processo de candidatura da praça passou por duas fases: primeiro, na 32ª Sessão do Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO, em 2008, no Canadá, foi anunciado o valor universal da praça e a comissão sugeriu adequações necessárias do sítio urbano, a ser realizado dentro de três anos.

Dois anos mais tarde, durante a 34ª Sessão do Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO, realizada em Brasília, a delegação do país, apoiada pela espanhola, apresentou ao Comitê o valor do sítio histórico de São Cristóvão, como resultado das Ordenações Filipinas em terras espanholas e portuguesas. A praça foi apresentada como um exemplo material único do momento histórico em que Portugal e Espanha encontravam-se unidos sob uma única coroa. Assim, a Praça São Francisco foi reconhecida como exemplar de construção a partir de elementos do urbanismo espanhol em terras da colônia portuguesa.

No processo de reivindicação do selo de Patrimônio Mundial, três argumentos endossaram a relevância da candidatura da Praça São Francisco (fotografia 1). O fato de que no momento que ela foi construída, os reinos de Portugal e Espanha encontravam-se no período denominado de União Ibérica (1580-1640). Na fase em questão, esses dois estados monárquicos tiveram como soberanos os reis Felipe II, Felipe III e Felipe IV da Casa da Áustria. A União Ibérica durou 60 anos e se caracterizou pelo domínio Espanhol em terras portuguesas, deflagrando em um só reino para as duas monarquias. Irradiando essa união para além das terras luso-espanholas, chegando até as colônias de Portugal nos continentes Americano, Africano e Asiático.



Fotografia 1: Praça São Francisco tendo ao fundo o conjunto franciscano.  
Fonte: Ivan Rego Aragão (2011).

A união peninsular se iniciou com as mortes do rei de Portugal, D. Sebastião (1578), e de seu sucessor, D. Henrique (1580). Pela ausência de sucessores sanguíneos diretos, Portugal se encontrou sem governante, fato que acarretou, segundo Falconi (2005), uma manobra política, (muito mais pela urgência, do que pela usurpação), da qual resultou a aclamação do novo rei de Portugal: D. Felipe II de Espanha. O regente foi o primeiro a governar ambas as monarquias (1580-1598). Tinha laços de parentesco, ainda que distantes, com a família real Portuguesa (FALCONI, 2005). Era neto de D. Manuel, o Venturoso, filho de uma Princesa da Corte lusitana. Os seus sucessores foram, respectivamente, Felipe III (1598-1621) e Felipe IV (1621-1640).

Como modelo baseado no código filipino de urbanização, a Praça São Francisco possui o espaço quadrado, com suas relações de comprimento e largura ajustadas ao preconizado na Lei IX das Ordenações. Bem como as quatro vias secundárias e principais desaguando nos quatro vértices, onde em tudo relembra o que se recomendava para a Praça Maior de uma cidade. Diferentemente dos outros modelos franciscanos edificados no nordeste do Brasil<sup>1</sup> - que têm à frente uma rua ou espaço menor, - o Conjunto Arquitetônico da Praça São Francisco possui, à sua frente, espaço amplo cercado por outros edifícios coloniais.

Além desse argumento, a Praça São Francisco desde que foi construída serviu de cenário para manifestações do poder administrativo, religioso e político inerente aos espaços construídos na parte alta da cidade, e, principalmente das manifestações da cultura popular: carnaval, festejos juninos e manifestações do folclore. A praça é igualmente circundada por obras do barroco nordestino.

Ao observar os conjuntos edificados no centro antigo da cidade, é notório o destaque dado aos prédios da Praça São Francisco. O espaço em formato retangular amplo possui ao seu redor um conjunto franciscano que é considerado ímpar do barroco nacional. Além da Igreja de São Francisco, o Convento de Santa Cruz, a Capela da Ordem Terceira (atual Museu de Arte Sacra), circundam a praça, a antiga Santa Casa com a Igreja da Misericórdia e o Palácio dos Governadores (atual Museu Histórico de Sergipe) e o casario que a completa: locais de apreciação de estudiosos

---

<sup>1</sup> Penedo e Marechal Deodoro-Alagoas, Olinda-Pernambuco e João Pessoa-Paraíba.



da arquitetura e da história da arte, dentro e fora do Brasil, de apreciação pelo porte, materiais empregados e gosto estético.

### 3 A Praça São Francisco e o seu Patrimônio Cultural

Pensar sobre a praça como local de convergência, encontro e desencontros das pessoas torna-se fundamental no dinamismo de um lugar habitado. Para Casé, a praça dentro do espaço da cidade é “a síntese da cultura urbana de uma comunidade, traduzida em símbolos materializados em sólidos, se constitui num legado pleno de ensinamentos e exerce a função insubstituível de aglutinador do encontro e da convivência” (CASÉ, 2000, p. 56). José Lima Galvão Junior<sup>2</sup> faz uma análise da relevância social e cultural da Praça São Francisco, que recebeu a chancela da UNESCO e comenta que:

a Praça integra o conjunto histórico, urbanístico e arquitetônico de São Cristóvão ao agregar-se ao casario e outros monumentos sobre o traçado urbano acumulado desde sua origem pode ser descrita como sítio urbano integrante e representativo do processo cultural composto nos diversos períodos históricos da vida local e da região nordeste brasileira [...] (GALVÃO JUNIOR, 2007, p. 3).

De acordo com Silva Filho (2007)<sup>3</sup>, a Praça São Francisco, ao tornar-se espaço público, foi no passado, e atualmente ainda é o principal palco das mais variadas festas. As comemorações religiosas, sob responsabilidade do convento de São Francisco, da Ordem Carmelita e de religiosos de tantas irmandades católicas, como as quermesses, missas campais e procissões fazem desse espaço, um lugar privilegiado de fé e devoção da religião cristã.

Ainda segundo o autor citado, também têm espaço na praça os festejos profanos como o carnaval, o São João, a Cidade da Seresta e o Festival de Arte de São Cristóvão, as manifestações da herança africana e indígena (fotografia 2). [...] “Nela se concentram os respectivos brincantes do frevo, do forró, da boemia e da cultura popular. O patrimônio imaterial ganha relevo nessa praça” (SILVA FILHO, 2007, p. 5), Ela é palco das manifestações dos grupos folclóricos do Reisado, Taieira, Caceteira, bem como da religiosidade católica popular, onde o ápice da Procissão do Encontro na Festa ao Nosso Senhor dos Passos tem como pano de fundo da Via

<sup>2</sup> Ver o CD-Rom com a proposta de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial.

<sup>3</sup> No dossiê enviado à UNESCO, foram anexados artigos de Aglaé D'Ávila Fontes, Luis Fernando Ribeiro Soutelo, Maria Thétis Nunes, José Lima Galvão Junior, Augusto Silva Telles, José Thiago da Silva Filho e Edinaldo Batista dos Santos e estudos do IPHAN.

Sacra, a Praça São Francisco. Nos festejos da Semana Santa com as procissões do Fogaréu, Senhor Morto, a Praça São Francisco é parte integrante do circuito dos seus cortejos. Silva Filho também chama a atenção para a relevância da praça enquanto cartão postal da cidade, um lugar que atrai visitantes, estudiosos e que reproduz a atmosfera religiosa e social, do século XVII ao XXI.



Fotografia 2: Dança do Toré realizada pela Tribo Kariri-Xocó na Praça São Francisco.  
Fonte: Ivan Rego Aragão (2011).

#### **4 Singularidade dos prédios históricos no entorno da Praça**

A primeira edificação da Praça São Francisco foi a Igreja e o Convento de Santa Cruz, fundado em 1657 e mais conhecido como convento São Francisco - no local que está até os dias atuais - junto com a capela da Ordem 3ª da Irmandade, a Santa Casa de Misericórdia e o Palácio dos Governadores. A partir daí:

a Praça São Francisco apossou-se solenemente da hegemonia referencial para os sergipanos, ao mesmo tempo em que relativizou e distribuiu essa escala de importância entre os três vértices do triângulo formado pelo Convento de S. Francisco, o do Carmo e pela Matriz, coadjuvados pelas demais obras civis, religiosas e, por fim, pelo próprio conjunto urbano (GALVÃO JUNIOR, 2007, p. 5).

Sobre os limites do perímetro, Telles ressalta a importância do espaço valorizado pelo seu tamanho e amplitude, pelo conjunto arquitetônico que ela abriga e o valor sociocultural para a cidade. Neste lugar, localiza-se um cruzeiro, “comum nos conjuntos franciscanos, constituído por uma cruz assente em pedestal formado por

sucessão de superfícies curvas, tudo de calcário” (TELLES, 2007, p. 8). O autor finaliza seu texto comentando que a Praça São Francisco tem “valor em nível mundial”, tendo sido, no passado, espaço de destaque para o núcleo urbano de São Cristóvão e do nordeste do Brasil.

Telles (2007) comenta sobre a originalidade construtiva do convento que está inserido na praça, e o classifica como singular no campo da arte e arquitetura barroca. E justifica sua reflexão, citando o já falecido estudioso da História da Arte e ex-curador do Museu do Louvre em Paris, Germain Bazin, quando esteve em visita a São Cristóvão. Para Bazin, o convento de Santa Cruz é uma “oeuvre, d’esprit baroque, tranche avec le classicisme voulu des autres cloîtres; elle correspond à ce goût d’ornamentation sculptée qui caractérise la région du Sergipe où l’on disposait de beaux matériaux calcaires”<sup>4</sup>.

Sobre as características da edificação, Luis Fernando Ribeiro Soutelo faz uma análise detalhada dos elementos construtivos e dos cômodos da construção franciscana, comparando-o a outros conjuntos arquitetônicos do mesmo porte. Para Soutelo, “o mais notável dos elementos do convento é o belo claustro, com seus pilares quadrados de ângulos chanfrados (cortados), guarda-corpo inteiriço e arcadas decorativas com motivos fitomorfos trabalhados na cantaria” (SOUTELO, 2007, p. 3).

De acordo com Carvalho, o claustro em cantaria desta construção “é considerado único em conventos franciscanos do Brasil”, como também é único no nordeste do Brasil, “o sistema de sustentação em pilares verticais isolados e não em colunas” (CARVALHO, 1989, p. 29). Essa idéia ainda é confirmada por Telles, quando comenta que:

o claustro, o modelo franciscano de duplo avarandado, é, no entanto, uma peça excepcional e única, por quanto às colunas que se repetem em todos os demais conventos, aqui são substituídos por pilstras de seção quadrada com as arestas chanfradas, as quais, no térreo, dão apoio a uma seqüência de arcadas e, no segundo piso, diretamente aos beirais das telhas (TELLES, 2007, p.10).

Soutelo (2007) menciona que a autorização para a construção da igreja e convento franciscano data do século XVII, mas precisamente em 10 de setembro de 1657, quando o Governador Geral do Brasil, Francisco Barreto, autorizou a empreitada da igreja conventual em São Cristóvão. Contudo, somente no ano de 1693 é que se iniciou a edificação do monumento, tendo a sua construção se prolongado até o século seguinte. O autor acima citado ainda descreve a igreja do convento como um modelo

<sup>4</sup> “Obra de espírito barroco, que ressalta o classicismo desejado dos outros claustros, ele corresponde ao gosto de ornamentação esculpida, que caracteriza a região de Sergipe, onde dispunha ótimos materiais calcários”.

que “acompanha as demais igrejas franciscanas do nordeste”, tem nave<sup>5</sup> única, corredores laterais dirigidos à capela-mor e que fazem a ligação do claustro à sacristia.

No frontão da igreja encontra-se em um pequeno nicho uma imagem de São Francisco de Assis. Na análise de Soutelo (2007), a fachada desse templo religioso situa-se entre o tipo clássico (frontão triangular) e o barroco (mais movimentado). Ainda de acordo com esse autor, a primeira torre da igreja foi construída no século XIX e, devido a uma grande rachadura, foi demolida em 1849. No início do século XX, foi colocada uma nova torre, mais leve, feita de madeira e zinco. Em 1938, essa torre, então, é substituída por uma mais condizente com a estrutura original da igreja, permanecendo esta última, até os dias atuais.

Sobre a capela da Ordem Terceira de São Francisco - atual Museu de Arte Sacra - Soutelo menciona que a “sua posição é única, difere das capelas das demais Ordens Terceiras devido aos franciscanos existentes nas diversas regiões do País, em especial no nordeste. Nestas, a capela é sempre paralela ao conjunto arquitetônico” (SOUTELO, 2007, p. 5). A construção religiosa possui na entrada um portal de pedra, coroado com o brasão da Ordem, junto com ele, símbolos do império de D. Pedro I, como os ramos de fumo, café e coroa.

Conforme Carvalho (1989), o museu de Arte Sacra (antiga capela da Ordem Terceira de São Francisco) é uma construção do século XVIII. O seu teto tem pintura ilusionista e formato de gamela. Esse trabalho de ornamentação é atribuído aos discípulos do pintor baiano José Teófilo de Jesus. Ainda segundo essa autora, os “altares e os retábulos foram esculpido e dourados no estilo neoclássico” (CARVALHO, 1989, p. 29). A sacristia tem lavabo em pedra calcária, contendo brasão da Ordem Franciscana datado de 1725. Dentro da capela existe também um cemitério, contendo túmulos e ossuários. O museu foi criado em 14 de abril de 1974 e, posteriormente, se transformou na Fundação Museu de Arte Sacra de Sergipe.

As palavras de Dom Luciano José Cabral Duarte, Arcebispo Emérito de Aracaju, foram citadas por Soutelo no dossiê enviado à UNESCO. Para o Arcebispo o museu, “[...] desperta a emoção dos milhares de visitantes que anualmente lhe percorrem as salas, e provoca as referências altamente religiosas com que grandes nomes do pensamento brasileiro douravam o Livro de visitas, como se fossem iluminuras de admiração e encantamento” (DUARTE apud SOUTELO, 2007, p. 6).

---

<sup>5</sup> Termo referente à ala central de uma igreja ou catedral onde se reúnem os fiéis de modo a assistirem ao serviço religioso.

O Museu de Arte Sacra de Sergipe conta com um acervo de mais de quinhentas peças, dos séculos XVII à XX. Segundo o Ministério do Turismo, está entre os três principais museus de arte sacra do país em número de acervo. Carvalho informa que “a maioria das imagens é erudita, feita por santeiros anônimos do Brasil Colônia, bem como da Europa, sobretudo Portugal e Espanha” (CARVALHO, 1989, p. 30). Segundo Fontes, o museu possui em seu interior peças de, “representação artística e religiosa, que floresceu em terras de Sergipe Del’Rey do século XVII ao início do século XX, em escultura dourada e policromada, ourivesaria, prataria, mobiliário e paramentaria” (FONTES, 2007, p. 10).

A antiga Igreja e Santa Casa de Misericórdia, que foi também o Hospital de Caridade, é atualmente o Lar Imaculada Conceição. O terreno onde se encontra o monumento foi uma doação à Irmandade da Misericórdia em 1608 (CARVALHO, 1989). O conjunto da Santa Casa é uma construção do século XVIII e, conforme a autora acima, a sua torre sineira faz ligação com o antigo hospital, “com equilíbrio e riqueza de estilo” (CARVALHO, 1989, p. 34). No seu frontispício<sup>6</sup> destaque para a portada da capela em cantaria e das janelas do antigo hospital com “coroamento” em pedra calcária (fotografia 3). Fragata (2011) menciona que, no final do século XV, com exceção das capelas dos conventos de São Francisco e Nossa Senhora do Carmo, a capela da Santa Casa era a única de pedra e cal, existente na cidade de São Cristóvão. Segundo Bazin, “a porta é decorada com ornamentos esculpidos em pedra calcária de estilo Dona Maria, semelhante aos que ornaram as portas e janelas de São Gonçalo de Penedo (Alagoas)” (BAZIN, 1983, p. 178).

---

<sup>6</sup> Constitui os elementos que enquadram e decoram a porta central ou principal de um edifício.





Fotografia 3:– Visão noturna da portada da antiga Igreja da Misericórdia com coroamento em pedra calcária.  
Fonte: Ivan Rêgo Aragão (2011).

O Museu Histórico de Sergipe (antigo Palácio Imperial) é uma construção do final do século XVIII. Pertenceu ao Tenente Domingos Rodrigues Vieira de Melo. Posteriormente, foi comprada e reformada pelo presidente da província, Manuel Clemente Cavalcante de Albuquerque (1825), por isso também é conhecido como Palácio Manuel Clemente. A antiga construção foi transformada em museu pelo Decreto Lei nº 988 de 2 de setembro de 1960, no Governo de Luiz Garcia (FONTES, 2007). No seu acervo, constam pinturas assinadas por autores representativos da arte sergipana, como Horácio Hora, mobiliário e objetos de época, coleção de armas antigas, dentre outros.

Em estilo colonial, o seu frontispício ostenta o brasão do Império. Carvalho diz que esse museu “possui escadaria em pedra calcária e balcão em ferro batido” (CARVALHO, 1989, p. 36). Em 1860, D. Pedro II ficou instalado nessa construção quando visitou São Cristóvão. A partir de 21 de setembro de 1960, começou a funcionar como o Museu Histórico de Sergipe, com uma variedade de acervo que registra a formação cultural de Sergipe, principalmente no período do Brasil Império.

## 5 Praça São Francisco como lugar de memória

Há mais de 400 anos, desde que foi construída a Praça São e os prédios barrocos ao seu redor, se mantêm como a jóia do barroco sergipano. Por conta das novas gerações de usuários que surgem (entre moradores e visitantes), a praça continua se reinventando ao oferecer o seu espaço para as novas demandas. Sendo local de nostalgia para eventos que estão na memória de residentes do passado e nos moradores pertencentes ao cenário presente da cidade. Desde os momentos mais simples do cotidiano, como namoros, fofocas, até os castigos e açoites em público do século XVII e XVIII, missas, religiosidades, protestos, manifestações da política e cultura do tempo atual. Nesse contexto, a Praça São Francisco, ao ser um lugar de memória(s) como menciona Nora (1993), é também um documento-monumento (LE GOFF, 1990). Visto que serve para o registro de atos e fatos que perpassam pela história sãocristovense. Nessa perspectiva, Silva Filho aborda esse espaço como um local onde:

[...] a memória dessa praça passa a fazer parte do imaginário dos moradores: colonizadores despossuídos rogam auxílio às portas da Misericórdia, assim como os órfãos, as viúvas e tantos infelizes; [...] franciscanos arregimentam trabalhadores para a construção de um convento; freqüentemente, solenidades garbosas marcam posse de capitães-mores e ouvidores. Povo, poder e clero deixam suas pegadas na Praça São Francisco [...] (SILVA FILHO, 2007, p. 8).

Pela sua posição estratégica dentro do perímetro histórico da cidade, é quase uma obrigatoriedade passar por ela. Estar na Praça São Francisco é querer ver e ser visto, não só pela amplitude do espaço, mas pela carga sociocultural da qual a mesma encontra-se investida ainda nos dias de hoje.

## **6 Considerações finais**

O material recolhido pelo Dossiê enviado a UNESCO e o Documento-base atestam o valor da Praça enquanto espaço diferenciado de outras construções franciscanas no Brasil. A coletânea de artigos, fotografias, estudos urbanísticos, de arquitetura e dos elementos móveis integrados, reforçam o valor histórico e sociocultural da Praça São Francisco.

Corroborado pela visita *in loco* em diversos momentos após a marca concedida pela UNESCO, constatou-se o valor histórico, social e artístico da praça não somente pela sua amplitude de espaço, como também pelo estilo das construções que a cercam. Atualmente, a Praça São Francisco continua sendo referência de espaço na cidade. Quando se pensa em eventos culturais, políticos, educativos para se ter visibilidade, o perímetro da Praça é sempre utilizado.

As construções que a cercam são um capítulo à parte, sendo valorizadas tanto pela beleza e forma na construção dos prédios religiosos, como pelos materiais empregados. O conjunto franciscano com a igreja conventual, o Museu de Arte Sacra e a antiga santa Casa com a Igreja da Misericórdia fazem dessas construções material único e exemplar do barroco litorâneo no Brasil.

Em 2008, ano que se realizou o primeiro parecer, a UNESCO sugeriu à cidade de São Cristóvão algumas atitudes no que diz respeito a uma maior participação da comunidade local a favor da campanha, visto que, a mesma seria a principal zeladora desse patrimônio. Foram feitas campanhas de envolvimento e ações de infraestrutura, divulgação, educação (ambiental e patrimonial), dentre outras. E, conseqüentemente, a população foi convocada para que se engajasse à campanha pró- candidatura.

A partir da segunda fase do pleito junto à UNESCO, a Espanha tornou-se um país parceiro em apoiar a reivindicação são-cristovense, embasado na construção da singular da praça, que é resultado das ordenações filipinas em terras portuguesas e, portanto, um exemplo material único do momento histórico em que Portugal e Espanha estiveram unidos em sob uma mesma coroa.

E nesse contexto, três argumentos ganharam força para que o espaço recebesse o selo: 1) A Praça é uma herança da aplicação dos antigos códigos filipinos em Sergipe, durante o período denominado de União Ibérica, no qual Portugal e suas colônias ficaram sob o domínio hispânico; 2) A Praça permaneceu como cenário das manifestações do poder administrativo, religioso e, principalmente, das manifestações do povo: do carnaval, dos festejos juninos e das manifestações do folclore; 3) A Praça é circundada por grandes obras do barroco nordestino, a exemplo do Convento de São Francisco, da antiga Santa Casa de Misericórdia.

Pela singularidade da Praça São Francisco, percebe-se que esse espaço, ao se tornar patrimônio em nível global, pode ser atrativo para o turismo cultural, a exemplo de outros sítios históricos espalhados pelos cinco continentes ■

## Referências

BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa Barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

CARVALHO, Eliane Maria Silveira Fonseca. *São Cristóvão e seus monumentos: 400 anos de história*. São Cristóvão: Secretaria de Estadual de Educação, 1989.

CASÉ, Paulo. *A cidade desvendada: reflexões e polêmicas sobre o espaço urbano*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

FALCONI, Romeu. A gênese das Ordenações Filipinas. *Revista Novos Estudos Jurídicos*, v. 10, n. 2, 2005, p. 537- 552.

FONTES, Aglaé D'Ávila. São Cristóvão: aspectos culturais. In: *Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial*. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-24. CD-ROM

GALVÃO JÚNIOR, José Leme. Análise da evolução morfológica do espaço urbano. In: *Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial*. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-21. CD-ROM.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, Pontifica, Universidade Católica, n. 10, 1993, p. 7-28.

SILVA FILHO, José Thiago da. Memória e cotidiano da Praça São Francisco: tradição, louvor e festa. In: *DOSSIÊ com a proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial*. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-6. CD-ROM

\_\_\_\_\_. Memória da Santa Casa de Misericórdia de São Cristóvão/SE. *Revista do Memorial do Poder Judiciário de Sergipe*, n. 1, de 2011, p. 141-163.

SOUTELO, Luís Fernando Ribeiro. O Convento de Santa Cruz e a Igreja Conventual: a presença franciscana. In: *DOSSIÊ com a proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial*. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-12. CD-ROM

TELLES, Augusto Silva. São Cristóvão: urbanismo e arquitetura. In: *DOSSIÊ com a proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial*. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-19. CD-ROM.

---

Recebido em 20.03.2011

Aceito em 17.07.2011